

## EDITORIAL

### Fragilidade e Subjetividade no Envelhecimento

*Aging, Fragility and Subjectivity*

Flamínia Manzano Moreira Lodovici  
Elisabeth Frohlich Mercadante

*“E, como é de bom método, quando se termina um livro, reportar-se às esperanças que se nutriam ao começá-lo, vejo que mantive todos os meus devaneios nas facilidades da anima.”<sup>1</sup>*

A epígrafe acima de Bachelard introduz o presente texto que apresenta pesquisas voltadas especialmente à fragilidade e à subjetividade no envelhecimento, justamente por nos evocar algo de maior importância que anima os volumes publicados on line da revista *Kairós Gerontologia* — o espírito de multiabertura científica

- (i) para a *diversidade problemática*: os principais problemas articulados com a questão do envelhecimento, que emergem de campos de interesse, como especificamente acontece neste volume 14(2), os da economia, da enfermagem, da fisioterapia, da educação, da medicina, da psicologia, da gerontologia, da antropologia, da linguagem...
- (ii) para a *diversidade acadêmica regional-nacional e internacional*, quando se articula a escrita “em anima” de resultados de pesquisas, neste volume 14(2): do exterior (do México); de diversas regiões e estados brasileiros (de Jequié-sudoeste bahiano; de Rondonópolis-sul matogrossense); de Lorena-interior paulista; e de várias

---

<sup>1</sup> Bachelard (2009: 205).

regiões paulistanas (USP-SP/Zona Leste e Zona Sul; PUC-SP/Zona Oeste; Unifesp-SP/Zona Sul

- (iii) para a *diversidade teórico-metodológica* das várias áreas do conhecimento que, aqui apresentam resultados disciplinares, de relações próximas, que se podem dizer unânimes em sua linguagem convergente a um mesmo objeto de pesquisa, o que não significa, porém, uniformidade; pelo contrário, funcionando no seu diálogo, como uma estrutura polifônica: “Cada um [com]...uma nota diferente, mas...todos como tantas variantes de um mesmo e único fonema... cada uma emitindo uma nota diferente”<sup>2</sup>;
- (iv) para a *diversidade de interpretação* também “em anima” – nossas esperanças de uma escuta conseqüente ao leitor que urge comover-se com, implicar-se, cada um na sua especialidade e em seu lugar na sociedade, com as novas problemáticas aqui lançadas;
- (v) para a *diversidade de avaliação dos trabalhos publicados* - cada trabalho submetido à Revista sendo anonimamente avaliado, de início, por dois membros do Conselho Científico, de preferência um especialista da subtemática brasileiro e outro estrangeiro. No caso de empate, um terceiro e/ou um quarto assessor se responsabiliza(m) pelo desempate e decisão, também anonimizada, de publicação.

Este volume 14(2), bem sucedido tal como o vemos em seus resultados, traz de início o artigo de pesquisadores do México, com o título “Una aproximación comparativa de la participación económica de los adultos mayores: el caso de la ciudad de Monterrey y el Estado de México”, tratando da questão da inserção econômica das pessoas idosas, em que se destacam as especificidades, em duas regiões mexicanas, do fenômeno laboral propriamente dito na velhice.

A *Fragilização da Pessoa Idosa* – uma questão antiga mas que exige oceanos de pesquisa principalmente em nossa sociedade - é ‘tocada’ sob vários aspectos neste volume 14(2) em dez artigos a seguir citados:

No sentido de dar sustentação aos cuidadores familiares para o entendimento de seu papel altamente valioso no tratamento do idoso *de casa*, trata o artigo de título “O olhar sistêmico à família do idoso fragilizado” produzido por pesquisadores da UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, cidade de Jequié, de seu NIEFAM-Núcleo

---

<sup>2</sup> Jakobson (1973: 16).

Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivibilidade com Doenças Crônicas. O trabalho traz à luz reflexões teóricas das pesquisadoras da área da Enfermagem que fazem ver o valor do envolvimento da família, junto a profissionais como enfermeiros, fisioterapeutas, médicos e outros, nos cuidados globais à pessoa idosa.

“Significados da violência na velhice: narrativas e a autopercepção de idosos participantes em um centro de convivência no município de São Paulo (SP)” é o artigo escrito na parceria de dois pesquisadores, um docente/pesquisador da UFPI e doutorando em Psicologia da Saúde pela Universidade de Granada (Espanha); e o outro bacharelado em Gerontologia pela EACH/USP, atualmente Mestrando em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP-USP). Ambos os pesquisadores estão preocupados com a fragilidade do idoso que ainda sofre maus-tratos nos transportes públicos, além de violência e abandono dentro da própria casa, por parte de familiares e cuidadores. Continua a necessidade de reconhecimento do idoso como um sujeito de direitos e deveres para a formulação de políticas públicas e de assistência que assegurem sua autonomia e capacidade de decisão.

Outro trabalho dentro da temática da Fragilização da Pessoa Idosa, de pesquisadores da UFSão Carlos, interior paulista, de título: “Avaliação da atitude diante do envelhecimento de mulheres com 50 anos ou mais portadoras de HIV/AIDS”, mostra o quanto é complicado envelhecer com uma doença estigmatizante e incurável como o HIV/Aids em função da percepção das decorrentes mudanças biofísicas.

Outro trabalho dentro da temática de fragilização da pessoa que envelhece – advindo da UFSanta Maria (RGS) -, de título “Revisão sobre Posturografia Dinâmica: Uma ferramenta para avaliação do equilíbrio de idosos”, apresenta um instrumental com dupla finalidade: a de poder ser usado para avaliação do equilíbrio postural que se fragiliza com o avanço da idade, bem como para quantificar a contribuição de cada sistema (visual, auditivo, proprioceptivo) para o equilíbrio corporal do idoso.

“Vivências e aprendizagens do paciente idoso na rotina da hemodiálise” é o título do artigo dos pesquisadores da área do envelhecimento Nadia Dumara Ruiz Silveira, Paulo Renato Canineu com Adriana Araújo Reis, esta mestranda em Gerontologia, procedente de Teresina (PI), que dá voz a pacientes idosos em hemodiálise. Estes, depois de algum tempo em tratamento, revelam como o tratamento, pondo-se em contato com as vivências da realidade de uma clínica ou hospital, fazendo-nos mudar em suas concepções sobre a vida em geral, assim como seus familiares,

fazendo-os ganhar entendimento maior do tratamento, interagir melhor com os profissionais; em suma, no dizer dos autores sobre sua performance: “(...) questionam e acompanham as intervenções e as mudanças ocorridas nesse processo, o que gerou a aquisição de novos conhecimentos”.

A temática da *Subjetividade da Pessoa Idosa* ou de quem com ela lida é trazida neste volume 14(2) por vários artigos.

Um primeiro de docente e pesquisador da USP-SP, “O testemunho de velhos militantes: singela homenagem a Alfredo Bosi” é, como revela o título, um artigo-tributo, verdadeiramente poético, ao professor que fez história na construção de militância social na capital paulistana, figura presente no imaginário de toda uma geração agora envelhecida de ex-alunos, amigos e colegas.

O segundo artigo dentro da temática da Subjetividade é intitulado “Identificação das crenças em relação à velhice e ganhos percebidos de professores do CIEJA”, e faz conhecer o que é o CIEJA, enquanto local propício de inclusão social e de aprendizagem do idoso e que, em contrapartida, proporciona ao docente trocas pessoais e culturais significativas, que se refletem no próprio processo de envelhecimento.

Outro artigo dentro da temática da Subjetividade é o de título “Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade”, competente reflexão teórica de dois psicólogos, sendo um da UFMT-campus de Rondonópolis) e outro da UNESP-Assis, acerca das espacializações e temporalizações criadas em torno do envelhecimento, apontando seus efeitos na produção de subjetividade dos longevos.

Outro artigo dentro da temática da Subjetividade de título “As lógicas classificatórias: entre o caos e a ordem” reflete sobre as “diferentes velhices”, a pluralidade de formas de viver a vida, nos vários “jeitos de viver”, estudando outras sociedades e suas respectivas formas para produzir e elaborar a vida, sob a perspectiva antropológica, refletindo sobre a situação atual da velhice, resultado de uma construção social, uma produção histórica, do tempo e seu significado em cada sociedade e implicação no contexto histórico.

Finalizando a temática da *Subjetividade do Idoso*, o Relato de Experiência que levanta a discussão de uma problemática complexa: a da pessoa idosa que vive na condição de andarilho, em devaneio pelas praças, ruas e estradas. Um poema de Manoel de Barros de título “O andarilho” pode, em seus versos, dizer da vida dessa pessoa que transita, muitas vezes sem documentos nem nome [“*Meu desnome é Andaleço*”, a voz do andarilho que, na maior parte das vezes, não dispõe nem da escuta da família

ausente, nem do apoio da estrutura social a seu favor [*“Os loucos me interpretam”*]: quantos o tomam como louco, inclusive sendo assustador às crianças [*“Para as crianças da estrada, eu sou o Homem do Saco”*]. Este estudo de pesquisadores das Faculdades Integradas Teresa D’ Ávila, de Lorena (SP), de título “Para um perfil do idoso-andarilho”, mostra a agudização da fragilidade desse idoso desapegado, de mobilidade contínua na vida [*“Andando devagar eu atraso o final do dia/Caminho por beiras de rios conchosos/Meus rumos não têm termômetro”*], de seu afastamento de relações familiares, sociais, de sua vitimação pela violência das ruas, pela falta também de um sentido de vida comum a outras pessoas [*“A minha direção é a pessoa do vento”*].

A sensibilidade dos autores deste estudo, ao se voltarem ao estudo de uma pessoa idosa anônima, incógnita, quase invisível à sociedade, caminha de par com a poeticidade de Manoel de Barros que, no seu poema “O andarilho” [do qual são os versos acima, incluiu uma reflexão muito profunda, em nota de rodapé a um de seus versos e que aqui reproduzo:

*“Penso que devemos conhecer algumas pequenas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de adquirir do chão o modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.”*

Verifica-se, a partir dos relatos desses idosos-andarilhos, ao contrário do que se possa pensar, como, apesar desse abandono a que se entregam, eles ainda sonham com o retorno ao lar e o com o recomeço de uma vida ao lado da própria família. Não será por que *a casa é o nosso canto do mundo?*, conforme diz Bachelard (2009). E este filósofo do espaço e do devaneio acrescenta a respeito: *“É exatamente porque as lembranças*

*das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós” (p.24), “... existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro” (p. 34).*

Se considerarmos os dizeres do filósofo Alain de Botton (2006) de que o lar não é um refúgio apenas físico, mas também psicológico, o guardião da identidade de seus habitantes, perguntamos: como terá se reconfigurado a identidade de um andarilho tão distante de sua casa natal ou de sua última morada? Como serão seus dizeres sobre si mesmo? — certamente este estudo das pesquisadoras de Lorena, cidade do interior paulista, deverá continuar...

Uma Resenha crítica finaliza o presente volume 14(2) da *Kairós Gerontologia*, apresentando a coletânea recém-publicada de título *Cuidado à pessoa idosa – Estudos no contexto luso-brasileiro*, organizada pelas pesquisadoras Alcione Leite da Silva e Lucia Hisako Takase Gonçalves, da UFSC, que nos surpreende e nos captura com a visão profunda que apresenta em uma série de artigos brilhantes sobre o tratamento à pessoa idosa.

Retomando a epígrafe de Bachelard (2009), queremos reportar-nos, neste final de Editorial, às nossas “*esperanças que se nutriam ao começá-lo*”: tem-se, pois, neste volume 14(2) da *Kairós Gerontologia*, a linguagem comum de gerontólogos, médicos, antropólogos, psicólogos, fisioterapeutas, enfermeiros, linguistas, cientistas sociais, economistas, dentre outros pesquisadores — linguagem uníssona em sua interdisciplinaridade motivada pela causa gerontológica e, para sermos mais precisos, pela pessoa idosa que tanto necessita de que as pesquisas teóricas revertam em práticas que as beneficiem rápida e concretamente no cotidiano de suas vidas na família ou em outra morada.

Boa leitura a todos!

Flamínia Manzano Moreira Lodovici  
[flalodo@terra.com.br](mailto:flalodo@terra.com.br) / [flodovici@pucsp.br](mailto:flodovici@pucsp.br)

Elisabeth Frohlich Mercadante  
[elisabethmercadante@yahoo.com.br](mailto:elisabethmercadante@yahoo.com.br)

(Editoria Científica)

**Referências**

Bachelard, G. (2009). *A poética do devaneio*. Trad.: Antonio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Barros, M.de. (2009). O andarilho. *Livro sobre Nada*. 14ª ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Record: 84-5.

Botton, A.de. (2006). *Arquitetura da Felicidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

Jakobson, R. (1973). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.